

ZAHA HADID ARQUI-ESTETA

POR MARILANE BORGES

EM ENTREVISTA EXCLUSIVA À AIRBORNE, A ARQUITETA ANGLO-IRAQUIANA ZAHA HADID, DIZ COMO FOI AFETADA PELO PRÊMIO PRITZKER, REVELA SER PROFUNDAMENTE INFLUENCIADA POR OSCAR NIEMEYER E DIZ QUE DESEJA CONSTRUIR ALGO NO BRASIL

64



Ao ser a primeira mulher a vencer o aclamado prêmio Pritzker, pelo conjunto de sua obra, em 2004, Zaha Hadid, 60, calou qualquer crítica que pudesse colocá-la em dívida com o sucesso. Mas em vez de acalmar os ânimos dessa iraquiana, famosa por seu gênio difícil e personalidade forte, o título equivalente ao Nobel de arquitetura só a levou a trabalhar mais freneticamente em todas as frentes que seu traço desconstrutivista pudesse alcançar.

Com um estilo reconhecido, sobretudo, pelos enlances geométricos, pelas linhas tensas, pelos ângulos agudos e esferas aéreas e arejadas, Zaha, há três décadas desafia a gravidade e metamorfoseia a paisagem em todos os cantos do mundo. Na Áustria assinou a plataforma de esqui Bergisel, em Innsbruck. Na França, a estação de trem Hoenheim ligada a um complexo de estacionamentos de carros, em Estarsburgo. Nos Estados Unidos, o Centro Rosenthal de Arte Contemporânea, em Cincinnati, no estado de Ohio. Só para citar algumas das obras mais famosas.

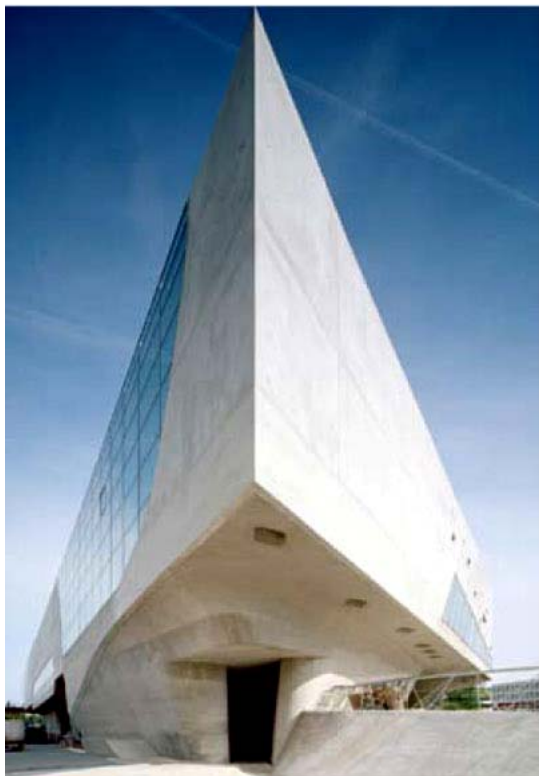
Hoje de seu escritório em Londres, Zaha comanda com pulso firme mais de 250 funcionários. É de lá que saem projetos como o Maxxi, grandioso museu de arte contemporânea de Roma, aberto ao público em abril, e o Centro Aquático de Londres, previsto para as Olimpíadas de Verão de 2012. Em meio a tudo isso, ela ainda encontra tempo para flertar com a moda, criando produtos para grifes como Louis Vuitton, Lacoste e Melissa, e um pavilhão de arte itinerante da Chanel. Sem falar do desenvolvimento de novas tecnologias que não hesita em aplicar em suas obras. Para o projeto Phaeno Science Center, Wolfsburg, na Alemanha, sua equipe precisou desenvolver um novo software durante a construção.

Nascida em uma rica família democrática e liberal de Bagdá, Zaha cresceu em um país em busca do progresso, onde os prédios do Estado eram assinados por nomes como o americano Frank Lloyd Wright ou o italiano Gio Ponti. Estudou matemática em Beirute, antes de seguir para a Architectural Association School of Architecture, em Londres. Foi nessa época que a jovem arquiteta, amante do modernismo e apaixonada por Nova York, trabalhou com o holandês Rem Koolhaas, ícone dos arranha-céus de Manhattan. Porém, por muito tempo carregou a fama de “vanguardista” demais. Tanto que só viu o seu primeiro projeto a ficar de pé, em 1994, quando criou o posto da brigada de incêndio (hoje uma sala de exposições) do Museu de Design Vitra, em Weil Am Thein, na Alemanha (na fronteira com a Suíça).

Fã confessa de Oscar Niemeyer, Zaha diz ter muita vontade de construir no Brasil. Enquanto isso, toca cerca de 50 projetos espalhados mundo afora e ainda leciona na Universidade de Artes Aplicadas de Viena, na Áustria. Prova de que ainda vai longe. “Não pretendo descansar”, afirma, categórica. Veja os principais trechos da entrevista concedida à Airborne.

66





Você sempre comenta e elogia a obra de arquitetos brasileiros.

Qual é o papel deles em seu trabalho?

Oscar Niemeyer teve uma influência profunda e duradoura. Tenho visitado muitos de seus projetos no Brasil e tive o privilégio de encontrá-lo em várias ocasiões. Sua obra me inspirou e me incentivou a prosseguir com a minha própria arquitetura. Eu acho que Brasília tem uma beleza extraordinária. E Lúcio Costa é uma figura seminal, seu trabalho por si só é bonito. Lina Bo Bardi e o Museu de Arte de São Paulo são incríveis! E eu amei o Sesc Pompéia, a crueza do concreto com aquela iluminação natural é surpreendente. Todos esses trabalhos são muito interessantes pois criaram uma nova identidade para a arquitetura. De certa forma, é uma interpretação da modernidade. Gostaria muito de construir algo no Brasil.

A que você atribui o fato de seus projetos muitas vezes definirem tendências mundiais?

Talvez ao fato da minha arquitetura ser intuitiva, radical, inovadora e dinâmica. Nas últimas três décadas, desenvolvi uma linguagem que permite novos padrões de organização social. Tento trazer isso para as sociedades contemporâneas que estejam interessadas no avanço da arquitetura.

Qual a influência das premiações para o seu trabalho?

Ganhar prêmios representa o reconhecimento pleno do que começou há 30 anos como uma possível arquitetura do futuro. Eu quebrei uma barreira ao ganhar o Pritzker, que sempre foi uma luta muito árdua. Acho que, por um lado, essa experiência me tornou muito mais resistente às críticas e mais objetiva. Na prática, essas premiações se traduzem em mais oportunidades, como agora, que temos mais de 50 projetos extremamente diversificados em todo o mundo.

// A OBRA DE NIEMEYER ME INSPIROU
E ME INCENTIVOU A PROSSEGUIR
COM A MINHA PRÓPRIA ARQUITETURA"

Da onde vem inspiração para criar produtos tão dispares?

68

Minhas ideias vêm da observação do local, da natureza, das pessoas e de como elas se deslocam nas cidades. É sempre importante saber como as pessoas se movem em um determinado espaço e como o utilizam para poder modificá-lo. Em termos de forma, todos os meus trabalhos me interessam igualmente, embora haja, obviamente, grandes diferenças no processo de criação de cada projeto. Tudo depende do foco, da técnica aplicada e, especificamente, da dimensão de cada um.

De que forma as novidades tecnológicas aparecem em sua obra e viram tendência no resto do mundo?

A verdadeira arquitetura de vanguarda não segue a moda ou ditames econômicos, mas

sim os ciclos de inovação gerados pela evolução social e tecnológica. A sociedade contemporânea não está parada e a arquitetura deve focar em novos padrões de vida. Além de ser um meio pelo qual é possível resolver questões econômicas e sociais, ela deve dar às pessoas um vislumbre de outro mundo. Isso é importante, sobretudo, em momentos de crise e instabilidade. O que é inovador em nossa geração é um certo nível de complexidade social, que se reflete na arquitetura atual.

// NO MUNDO DE HOJE, QUE SE PRETENDE FLEXÍVEL, É PRECISO REPENSAR URGENTEMENTE CERTOS PADRÕES ENRAIZADOS”



Quais são os grandes desafios da arquitetura?

Acho que a principal questão do século 21 é rever o conceito de produção contemporânea para evitar os repetitivos blocos ortogonais tão caros à sociedade industrial. No mundo de hoje, que se pretende flexível, é preciso repensar urgentemente certos padrões enraizados.

Podemos esperar que seus futuros projetos definam novas tendências?

Talvez, porque temos um portfólio diversificado e estamos sempre interessados em projetos arrojados. No entanto, cada um deve responder ao contexto de forma original e isso requer muita pesquisa. Afinal, em nosso trabalho é necessário investigar a paisagem e a topografia do local. É a partir disso que traçamos conexões visuais com o ambiente. Dentro dessa perspectiva, cada projeto deve ter uma relação muito forte com seu contexto original.

Como esses elementos de pesquisa se encaixam em um projeto de design, por exemplo?

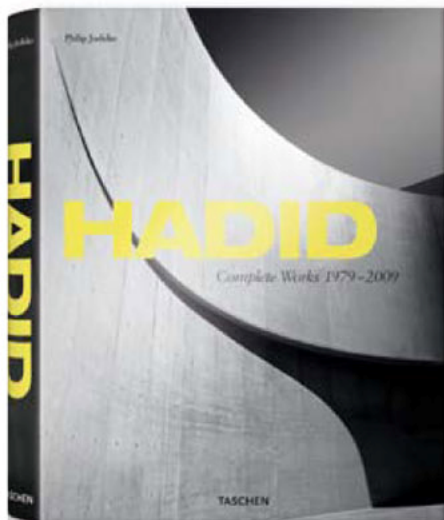
Conceber produtos é de grande importância. Ainda mais porque as peças são experimentais, devem inspirar criatividade e ser executadas com mais rapidez que os projetos de arquitetura. É uma oportunidade única para expressar ideias em uma escala distinta, além de avançar no desenvolvimento de novos materiais e tecnologias.

Quando trabalha em um novo projeto, ainda consegue ficar tão animada como se fosse o primeiro?

Sim, porque percebemos que os clientes exigem cada vez mais algo surpreendente e radical. Especialmente instituições que têm grande vontade de investir em projetos inovadores.

72





Essas são características essenciais que permitem que um arquiteto elabore projetos extraordinários com criatividade.

Fale um pouco sobre seus projetos que envolvem design de moda para Chanel, Lacoste, Louis Vuitton e Melissa?

Para mim, arte, moda e arquitetura existem para ser consumidos. No final, o que essas marcas desejam é criar ambientes agradáveis, produtos interessantes, estimulantes e criativos para que os consumidores possam usufruir todos os aspectos da vida.

Qual foi o projeto mais desafiador até agora?

É difícil dizer. Qualquer trabalho pode mudar à medida que a pesquisa revela sutilezas e aparecem novos desafios. Minha equipe é especializada em buscar tendências e novas técnicas de construção. Este é o princípio do meu trabalho. Há menos de 10 anos, por exemplo, quando estávamos desenhando o Phaeno Science Center, em Wolfsburg, na Alemanha, o software para analisar o desempenho estrutural desse edifício ainda estava em evolução. A planta teve de ser dividida em 40.000 pequenas peças no computador para que a gente pudesse entender como cada parte de sua estrutura se comportava. Antes disso, projetar e construir um edifício com a geometria avançada do Phaeno simplesmente não era viável.

73

Quais são os seus planos para o futuro?

Estou sempre curiosa para saber qual será o meu próximo desafio. Incentivar a geometria computacional é um deles. Com essa tecnologia, o projeto se torna mais complexo e enriquecedor. A evolução que a informática trouxe para a arquitetura é incrível, isso nos inspira a criar cada vez mais projetos arrojados e mantém uma vanguarda de designers. ■